



Os cenários de interação do jornal online na web 2.0: mudança ou manutenção do processo comunicacional?¹

Stefanie C. da Silveira²

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

RESUMO

Este artigo se propõe a observar os diferentes cenários de interação que aparecem na relação entre leitores e jornais online no contexto da web 2.0. Diversas publicações jornalísticas ligadas a veículos de comunicação tradicionais abrem canais para a participação de interagentes, permitindo o envio de fotos, vídeos e até mesmo de texto noticioso. O trabalho apresenta este contexto e utiliza os conceitos de interação mútua e reativa para estudar as formas de participação nos sites. Além disso, o estudo observa que grande parte destes canais, presentes em jornais online, estão sob controle da instituição jornalística e por isso não são pensados sem a mediação, a edição e o filtro da informação, uma vez que estão ligados ao profissionalismo jornalístico e ao *ethos* da profissão. Para demonstrar esse pressuposto, toma-se como objeto de observação o jornal online Zero Hora.

PALAVRAS-CHAVE: interação; jornalismo digital; web 2.0.

INTRODUÇÃO

A potencialização dos processos interativos é uma das consequências do desenvolvimento da Internet, principalmente em se tratando da segunda geração das redes digitais. A chamada *web 2.0* congrega as publicações que se desenvolvem com o propósito de valorizar a comunicação multidirecional e a inteligência coletiva. Dessa forma, a Internet pode ser vista e pensada como uma plataforma, onde as pessoas geram conteúdo, discutem, buscam informações e se relacionam. Assim, o desenvolvimento da rede, no âmbito da tecnologia de ferramentas colaborativas, possibilita a ampliação da participação do público na produção e distribuição de informações na web.

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo do IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da UFRGS, email: silveira.stefanie@gmail.com.



A união do contexto acima com a apropriação destas técnicas por parte dos sujeitos, em função de uma determinada demanda social, denota um potencialização na potencializam-se a construção social do conhecimento e a livre produção, troca e circulação de informações. Além disso, fatores como a queda no custo de computadores, a multiplicação de serviços gratuitos e a simplificação das tecnologias de publicação também influenciam neste processo. Essa produção diversificada de conteúdo pode ocorrer através de blogs, sites focados na discussão de assuntos específicos, publicações inteiramente participativas, seções de portais jornalísticos entre outros.

Existem hoje, diversos exemplos de serviços que se apropriaram destes novos cenários de interação e tentam construir um processo de comunicação mais dialógico, através da colaboração dos interagentes³ na produção de conteúdo, seja ele de caráter noticioso, informativo ou de entretenimento. Como exemplos, pode-se citar o site norte-americano Slashdot⁴, que reúne conteúdo colaborativo relacionado às últimas tendências em tecnologia; e, o sul-coreano OhMyNews⁵, que opera através do envio de notícias pelos seus colaboradores.

O número crescente de pessoas produzindo conteúdo de forma autônoma e de serviços construídos a partir de informações enviadas somente por interagentes não-profissionais, desperta a atenção e o interesse de grandes publicações jornalísticas, presentes na rede há mais tempo, e que, em sua maioria, estão ligadas a grandes corporações de mídia⁶. Uma porção considerável desse tipo de site já conta com seções que se denominam colaborativas e convidam as pessoas a participar através do envio de conteúdo que possa ter interesse noticioso. O sujeito é chamado a enviar fotos, notícias, vídeos e opiniões com a justificativa de promover e ampliar a interação existente na publicação.

Nesse sentido, este trabalho traz, a partir de uma discussão teórica, o pressuposto de que se está presenciando, na atualidade, o surgimento de diferentes cenários de interação na relação entre leitor/interagente e jornal. Atualmente, apresentam-se na rede diferentes formas de participação dos interagentes com as publicações jornalísticas que estão ligadas a veículos de comunicação tradicionais.

³ Utiliza-se, neste trabalho, a proposta de Primo (2003) para o termo interagente. Segundo o autor, a palavra remete a significados mais próximos de interação e ação. “Interagente, pois é aquele que age com outro” (p. 8).

⁴ <http://slashdot.org>

⁵ <http://www.ohmynews.com/>

⁶ Barbosa (2007) denomina essas publicações como “grandes *players* do *mainstream* da mídia” (p. 36).



Partindo dos conceitos propostos por Primo (2000; 2007) de interação mútua e reativa, percebe-se que em determinados momentos, essas publicações podem estar disponibilizando apenas mais uma opção de interação reativa. Ou ainda, podem existir casos em que o canal de interação é aberto, mas não é trabalhado para promover o diálogo entre a publicação e os colaboradores.

Sem esgotar a discussão e sugerindo que este tipo de observação precisa ser ampliado, o estudo observa que grande parte desses canais de interação, presentes em jornais *online*, embora abertos, seguem sob controle da instituição jornalística e não são pensados sem a mediação, a edição e o filtro da informação. Para demonstrar esse pressuposto, toma-se como objeto de observação a seção destinada aos comentários de matérias do jornal *online* [zerohora.com](http://www.zerohora.com)⁷.

Práticas interativas: a participação do público em publicações da rede digital

A participação do público em produtos jornalísticos desenvolvidos para as redes digitais está em constante expansão. As práticas interativas despertam atenção no campo do jornalismo tradicional. De acordo com Cunha (2007), pesquisas apontam que, nos Estados Unidos, em 2006, o jornalismo cidadão continuou crescendo também como parte do jornalismo *online*. Segundo a autora, a busca pelo furo e pela informação atual leva os veículos de imprensa a buscarem o público como parte de seus narradores.

Como consequência da diversidade de produtos e da pouca tradição das práticas participativas, há diferentes soluções encontradas para a inserção da colaboração do público nos produtos jornalísticos. Os tipos de participação dependem de fatores como a natureza da publicação e as ferramentas de interação adotadas. Cada produto apresenta recursos tecnológicos diferentes seja com relação ao formato da informação seja com relação aos recursos interativos aplicados, uma vez que há publicações com diferentes propósitos e com sistemáticas de produção diferenciadas.

⁷ <http://www.zerohora.com>. A observação da publicação foi realizada *in loco*, de forma participante e assistemática durante os meses de agosto, setembro e outubro de 2008. A partir das constatações feitas durante a observação foi possível construir o *corpus* deste trabalho.



A depender da ferramenta empregada, têm-se situações diferenciadas de interação mediada por computador. Um caminho para entender esses processos são os conceitos de interação mútua e reativa, propostos por Primo (2000; 2007). Esses termos são propostos pelo autor para diferenciar as muitas maneiras de interação presentes nas redes digitais. A interação mútua é composta por um sistema aberto e a reativa por um sistema fechado. Um sistema é formado por objetos ou entidades que se inter-relacionam. No aberto há o caráter da globalidade, ou seja, os elementos são interdependentes, quando um muda o todo será afetado. Também nele, existem trocas entre o sistema e o contexto do ambiente. O inverso ocorre na interação reativa. Nela, os agentes têm pouca ou nenhuma possibilidade de alterar o que lhes foi proposto, possuem relações lineares e pré-estabelecidas e não efetuam trocas com o contexto do ambiente (SILVEIRA, 2007).

A interação mútua corresponde a um *feedback* próprio, ativo e genuíno do interagente. No sistema interativo mútuo, o sujeito possui autonomia e num sistema reativo as ações dele estão dentro de um conjunto pré-determinado de possibilidades. Segundo o autor, a interação mútua pressupõe respostas autônomas e criativas do público (SILVEIRA, 2007).

Além disso, os sistemas dotados de interação mútua possuem uma interface virtual⁸. Ou seja, conectam dois ou mais agentes ativos com possibilidade de mudança da ação e da reação. A interface virtual permite liberdade entre os roteiros propostos inicialmente, ou seja, “nada pode garantir que sempre os mesmos estímulos garantirão as mesmas respostas” (PRIMO, 2000, p. 10). Esta interface virtual é representada de maneira eficiente nos blogs das redes digitais. Num blog, o diálogo que ocorre entre leitores e produtores de conteúdo na seção de comentários acarreta uma mudança da proposta inicial feita na postagem em função do modo como os sujeitos recebem a mensagem. Caracteriza-se aí, um diálogo que gera mudanças nos próprios interlocutores e também no contexto em que eles estão inseridos.

No jornalismo das redes digitais encontram-se exemplos tanto de interação tanto mútua quanto reativa, ambas podem coexistir e ser simultâneas. Como

⁸ O autor utiliza o termo interface virtual para caracterizar um ambiente, onde interagem dois ou mais agentes, que produzem atualizações e mudanças na comunicação em curso. O contrário seria a interface potencial, onde os roteiros a serem seguidos pelos agentes estariam pré-programados e pré-testados para receberem apenas determinadas respostas.



exemplo, tem-se uma enquete com uma pergunta e determinadas opções de resposta. Esse tipo de interação é reativo, pois não é dada ao leitor a opção de mudança ou interferência nas opções da enquete, ele apenas segue um caminho pré-determinado. De outro lado, conforme explica Primo (2000; 2007), na interação mútua, cada mensagem recebida é interpretada e decodificada pelos agentes caracterizando um processo cognitivo onde ocorre um diálogo que não é pré-estabelecido. Esse tipo de interação pode ser visualizado na seção de comentários de um blog, quando esta não é moderada. Ali é possível dialogar sobre a proposta do autor do conteúdo de uma maneira mais livre e sem controle se comparada aos veículos tradicionais de comunicação.

Dentre os *sites* ligados a empresas jornalísticas é possível visualizar formas clássicas e também modelos participativos de interação. Como exemplo, tem-se o *site* do jornal Zero Hora⁹. O portal do veículo permite comentários e correções nas notícias produzidas, desde que passem pela moderação dos editores. Além disso, também há uma seção chamada “Leitor Repórter”, onde é possível enviar textos, áudio, fotos e vídeos. É preciso preencher um cadastro e o conteúdo passa por seleção e checagem, feita por uma equipe de jornalistas profissionais. Outras ferramentas interativas presentes na publicação são o fórum e a enquete. Percebe-se que, embora não rompa com as ferramentas de interação reativa, o site busca, também, a utilização de alguns princípios da interação mútua (MIELNICZUK e SILVEIRA, 2008).

Outro exemplo que pode ser esclarecedor na discussão sobre interação mútua e reativa é o do site Slashdot. Nele é possível publicar informações sobre temas relacionados à tecnologia e informática. O colaborador deve apenas preencher um cadastro simples e já pode publicar seus textos. Um aspecto diferencial dessa publicação são as discussões que ocorrem a partir da disponibilização do material enviado pelos interagentes. Os colaboradores criam uma rede de contatos a partir dos comentários e das discussões que são geradas sobre cada texto. Em muitos casos, os debates são maiores do que a própria notícia. Os conteúdos que não podem ser publicados seriam aqueles com ofensas

⁹ Zerohora.com é a segunda edição *online* do jornal gaúcho Zero Hora, fundado em 1964 e pertencente ao Grupo RBS. A primeira era apenas uma transposição do conteúdo impresso para a Internet. Esta última, lançada em 2007, possui redação própria para a produção de notícias, características próprias do universo digital e amplia as ferramentas de interação.



relacionadas a algum tipo de preconceito ou então com xingamentos. Fora isso, é permitido qualquer tipo de discussão dentro da sua temática. Pode-se dizer que, neste caso, tem-se um exemplo de interação mútua maior, mais livre e mais efetivo do que o caso anterior (SILVEIRA, 2007).

É importante deixar claro, também, que o processo de interação que se estabelece no jornalismo das redes digitais é considerado multi-interativo (MIELNICZUK, 1998). Isso porque, parte-se do pressuposto que a interação é um processo complexo que envolve relações de pessoas com a máquina, de pessoas com outras pessoas (jornalistas ou leitores), através da interface gráfica da publicação, e também dessas pessoas ao participarem na elaboração do conteúdo da publicação.

O profissionalismo jornalístico na configuração de um jornal online

Embora os processos interativos estejam em constante potencialização na Internet e, conseqüentemente, nos jornais *online*, é importante ter-se em mente as características do jornalismo enquanto atividade institucionalizada e regulamentada. Mesmo com a configuração de diferentes canais de interação na web 2.0, em se tratando de jornais e veículos de comunicação, é necessário levar em conta a questão do profissionalismo jornalístico que não poder ser deixada de lado ao se observar o comportamento das empresas que abrem espaços para seus públicos.

Conforme afirma Soloski (1989), o profissionalismo jornalístico controla o comportamento dos profissionais, estabelecendo padrões e normas, determinando um sistema de recompensas. Segundo o autor, é através da educação profissional e do exercício da profissão que os jornalistas partilham uma base cognitiva da sua função. Uma vez que esse comportamento está enraizado, as organizações conseguem manter o controle sobre os profissionais e suas condutas. Soloski também coloca que, embora a seleção e a apresentação das notícias sejam determinadas pelo profissionalismo dos jornalistas, a empresa também influencia nesse processo. Visando o lucro, a organização rotiniza a cobertura noticiosa e o comportamento de seus profissionais.



De acordo com Breed (1955), o proprietário do jornal estabelece a política informativa que é, geralmente, seguida pelos profissionais empregados. Embora a aceitação dessa política não seja automática e muitas vezes possam existir desvios, é ela que determina a orientação que a publicação irá seguir com relação aos acontecimentos selecionados. A parcialidade, nesse caso, pode significar a omissão, seleção diferencial, destaque ou não publicação de determinados assuntos. Conforme o autor, a política da empresa é seguida e a descrição¹⁰ da dinâmica da situação sociocultural da redação sugere explicações para esse conformismo com tais regras.

O trabalho jornalístico está, também, ligado às regras de mercado, uma vez que é realizado dentro de empresas que buscam o lucro como resultado final. Segundo afirmam Clua e Badia (2008), “as notícias são os produtos de um modo de produção concreto (capitalista-mercantil)” (p. 130).

Neste sentido, é importante ter em mente que os canais abertos para participação do público em jornais *online* nem sempre serão exemplos de interação mútua e, na maioria das vezes, estarão submetidos às mesmas pressões, filtros e interesses que o conteúdo produzido pelo veículo, uma vez que esse comportamento faz parte do *ethos* jornalístico. Sabe-se que, em alguns casos, a criação de seções colaborativas pode estar ligada a uma estratégia comercial da empresa jornalística e não necessariamente a uma abertura de diálogo.

O canal de comentários de notícias de Zero Hora

Pode-se perceber que muitos dos grandes portais e jornais digitais brasileiros, além de serem comerciais, possuem um caráter transpositivo, utilizando um modelo de comunicação “um-todos”, sem tirar proveito de todo potencial dos recursos interativos da rede. Ou seja, mantém-se o aspecto de manutenção da relação unilateral emissor→receptor. A simples abertura e/ou disponibilização de um canal de interação com o público/leitor não garante o diálogo, a participação e a fidelização desses interagentes. É preciso levar em

¹⁰ Para a descrição completa, ver: BREED, Warren. Controlo social na redacção: uma análise funcional. 1955. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias e 'estórias'**. Lisboa: Vega, 1993.



conta de que forma essa colaboração é trabalhada e aproveitada dentro da publicação.

O jornal *online* Zero Hora disponibiliza, em todas as matérias publicadas no site, o *link* que permite o envio de comentários dos internautas através de um formulário. Os comentários enviados devem obedecer aos termos e condições de publicação do site que estabelece que não serão disponibilizadas opiniões que: sejam falsas ou infundadas; invadam a privacidade de terceiros ou manifestamente os prejudiquem; promovam racismo contra grupos de minorias ou qualquer forma de fanatismo político ou religioso, discriminando grupos de pessoas ou etnias; sejam obscenos; violem direitos de terceiros, tais como direitos de propriedade intelectual; tenham conotação publicitária, promocional ou de propaganda, ou, ainda, que demonstrem preferência por alguma empresa ou marca; promovam discriminação de qualquer natureza; incitem à violência; explorem medo ou superstição; se aproveitem da deficiência de julgamento e inexperiência das crianças; desrespeitem valores ambientais; apresentem linguagem grosseira, obscena e/ou pornográfica; tenham cunho econômico-comercial; promovam “correntes” ou “pirâmides” de qualquer espécie; violem a legislação brasileira. Além disso, ao enviar o texto, o leitor recebe a mensagem de que seu comentário passará por aprovação e poderá ou não ser publicado.

Os textos enviados pelo público são lidos um a um e filtrados por uma equipe de assistentes de conteúdo do jornal. Além de observar possíveis desvios nas regras dos termos e condições, os funcionários também precisam ficar atentos para orientações jurídicas quanto ao conteúdo editorial envolvido na matéria como, por exemplo, processos eleitorais em que é preciso observar a legislação que regula as ações da imprensa. Somente após passarem pela filtragem, as mensagens são disponibilizadas no site. Os comentários que não se encaixam nos termos de conduta ou são considerados inadequados pela equipe de edição não são publicados¹¹.

Comparando este processo ao de um *blog* e a uma publicação de conteúdo colaborativo, é possível estabelecer algumas diferenças no processo de participação do público em jornais *online* ligados à prática tradicional do

¹¹ Dados e informações obtidos a partir da observação realizada *in loco*, de forma participante e assistemática durante os meses de agosto, setembro e outubro de 2008.



jornalismo e sites de caráter mais aberto. Em um *blog*, onde o autor não modera os comentários enviados, todos são publicados, até mesmo os que podem ser considerados ofensivos. A publicação é instantânea e ocorre logo após o envio do texto pelo leitor. Para Gillmor (2004), os *blogs* seriam a ferramenta que mais se aproxima de uma *web* essencialmente interativa.

Já em uma publicação colaborativa como, por exemplo, o site Kuro5hin¹², a moderação dos comentários é feita pelos leitores, colaboradores e seus próprios pares. O Kuro5hin é um site em inglês sobre cultura e tecnologia em que qualquer pessoa pode se cadastrar como colaborador e, a partir daí, propor matérias e também avaliar os artigos e comentários de outros colaboradores. Esse processo de avaliação de comentários, realizado pelos próprios leitores, e a possibilidade de que o sujeito decida como vai visualizar essas intervenções na tela permite que não se percam as opiniões relevantes que são publicadas e se amplie a possibilidade de debate e diálogo na publicação (TRÄSEL, 2007).

Normalmente, no jornalismo tradicional, não há trocas no processo de interação que ocorre entre os pólos de produção e recepção, como aponta Charaudeau (2003). Sendo assim, não é necessariamente a busca por um processo dialógico entre jornalistas e interagentes – ou ainda a abertura de um novo canal de interação – que faz com que ele ocorra efetivamente. É preciso diferenciar a efetiva conversação e a troca de idéias da interação reativa e deixar transparente ao colaborador a proposta real das publicações. Gillmor (2004) afirma que as publicações ligadas ao jornalismo tradicional que tendem a abrir canais para “ouvir” seu público, geralmente o fazem dentro de determinados limites e imposições colocadas pelas regras institucionais e profissionais do campo. Ainda nesta linha de raciocínio pode-se citar Gómez (2006) que chama a atenção para uma “síndrome de recomposição” que caracteriza um período de apropriação das tecnologias por parte de atores sociais. Ou seja, os setores vão incorporando outras tecnologias e passando de um ambiente a outro, mas sem abandonar completamente o ponto de partida. Para ele, “a assimetria que já caracterizava as dependências anteriores entre os usuários das velhas mídias [...] agora muda de cor e de estilo, mas não desaparece” (p. 87).

¹² <http://www.kuro5hin.org/>.



Para Felippi (2007), as ações dos grandes jornais que propõem uma aproximação com o público nem sempre significam uma compreensão da importância do interagente e do seu papel ativo na relação com a publicação. De acordo com a autora, o fato de o jornalismo ter que adaptar sua forma de atuação à contemporaneidade faz com que seja necessário criar diferentes formas de interação entre produtores e consumidores e até mesmo rever essa divisão. Ainda assim, em muitos jornais *online*, percebe-se a transposição para a Internet dos valores e relações de poder entre jornal e leitor existentes na publicação impressa. “Porém o papel ativo do leitor não elimina a relação desigual entre os meios de comunicação e o público” (p. 129).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A evolução da Internet e, por consequência, da *web*, vista a partir de fatores técnicos e sociais, proporciona uma potencialização dos processos interativos estabelecidos na rede. Muitas das características da segunda geração da web são fatores em parte responsáveis pelo surgimento de novos canais de interação na rede. Além desses fatores técnicos, partindo do princípio que a Internet é uma rede híbrida que possibilita sua utilização por parte de diversos sistemas sociais, diferentes demandas e apropriações também influenciam a participação na rede. Dessa maneira, gera-se uma maior participação do público na construção, troca e circulação de conteúdo.

Ao se efetivar genuinamente, a interação mútua proporciona um diálogo entre interagentes, gerando mudanças nos próprios sujeitos e também no contexto em que eles estão inseridos. Nesse sentido, valoriza-se a construção coletiva, o caráter colaborativo e a participação dos sujeitos.

Essas transformações na produção e no consumo de conteúdo na Internet acabam afetando o modo de produção jornalística presente nas grandes empresas de comunicação que têm suas publicações existentes na rede. Esses *players* investem na criação de diferentes canais de participação do público na tentativa de angariar esses interagentes para colaborar com o site.



No entanto, o que se percebe é que a abertura de novas formas de interação entre público e jornalistas nem sempre representa uma relação dialógica ou um processo de interação mútuo. As relações de poder existentes fora da rede são também transpostas para o mundo *online*. Os níveis de decisão que envolvem a publicação, a angulação, a edição e a seleção do conteúdo ainda permanecem na redação do jornal *online*. Assim, a participação e interação do leitor seguem determinadas, filtradas e monitoradas por jornalistas profissionais.

A participação do público é controlada por uma equipe editorial que segue os mesmos valores e critérios de noticiabilidade ligados à prática tradicional do jornalismo. Ao contrário de publicações colaborativas e *blogs* que delegam poder aos interagentes que enviam seus comentários, o jornal *online* *zerohora.com* mantém a relação díspar de poder entre publicação e público.

É importante ressaltar, no entanto, que este trabalho não teve o objetivo de fazer um julgamento acerca do que é melhor ou pior com relação à abertura de canais de interação no jornalismo *online*. O sentido que se buscou foi realizar uma observação acerca do que vem acontecendo no cenário atual do campo e uma conexão desse contexto com as regras conhecidas do profissionalismo jornalístico. Teve-se como objetivou esclarecer a diferença entre um processo de interação mútuo e livre e a participação condicionada às regras de um campo específico e institucionalizado, tentando sempre pensar os processos interativos nas redes digitais sem cair em extremismos: negar ou supervalorar os acontecimentos em transcurso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Suzana. **Jornalismo Digital em Base de Dados (JDBD)** – Um paradigma para produtos jornalísticos digitais dinâmicos. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Culturas Contemporâneas da UFBA. Salvador, 2007.

BREED, Warren. Controlo social na redacção: uma análise funcional. 1955. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias e 'estórias'**. Lisboa: Vega, 1993.

CLUA, Anna; BADIA, Lluís. Utopias frágeis: imprensa livre e democracia, segundo Walter Lippman. In: BERGER, Christa; MAROCCO, Beatriz (org.). **A era glacial do jornalismo: teorias sociais da imprensa**. V. 2. Porto Alegre: Sulina, 2008.



CHARAUDEAU, Patrick. **El discurso de la información: la construcción del espejo social**. Barcelona: Gedisa, 2003.

CUNHA, Mágda. Em cenário tecnológico a audiência também publica. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, ano IV, n. 2, p. 37 a 46, jul/dez. 2007.

FELIPPI, Ângela. Jornal: novos cenários, novas estratégias. In: FELIPPI, Ângela et. al. **Metamorfoses jornalísticas: formas, processos e sistemas**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2007.

GILLMOR, Dan. **We the media**. [California]: O'Reilly, 2004.

GÓMEZ, Guillermo Orozco. Comunicação Social e mudança tecnológica: um cenário de múltiplos desornamentos. In: MORAES, Dênis (org.). **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

MIELNICZUK, Luciana. **Jornalismo on line e os espaços do leitor: um estudo de caso do NetEstado**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1998.

MIELNICZUK, Luciana; SILVEIRA, Stefanie Carlan da. Interação mediada por computador e jornalismo participativo nas redes digitais. In: PRIMO, Alex et al. **Livro da Compós 2008**. Porto Alegre: Sulina, 2008.

PRIMO, Alex Fernando Teixeira. **Interação mediada por computador**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

_____. Interação mútua e reativa: uma proposta de estudo. **Revista da Famecos**, Porto Alegre: PUCRS, n. 12, p. 81-92, jun. 2000.

_____. Quão interativo é o hipertexto? : Da interface potencial à escrita coletiva. **Fronteiras: estudos midiáticos**, São Leopoldo, v. 5, n. 2, p. 125-142, 2003.

SILVEIRA, Stefanie. **Jornalismo e interatividade: discussões acerca da produção de conteúdo pelo público em redes digitais**. (Trabalho de Conclusão de Curso) – FACOS. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2007.

SOLOSKI, John. O jornalismo e o profissionalismo: alguns constrangimentos no trabalho jornalístico. 1989. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias e 'estórias'**. Lisboa: Vega, 1993.



TRÄSEL, Marcelo Ruschel. **Pluralização no webjornalismo participativo: uma análise das intervenções em Kru5hin e Wikinews.** Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, 2007.